

**Universidade Federal de Alfenas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Curso de Letras**

**AS OCORRÊNCIAS DA EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA “SER QUE” E SUAS
VARIANTES NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO E A POSSÍVEL
IMPESSOALIDADE DO VERBO “SER”**

**Ana Cláudia Prado de Deus
Orientador: Celso Ferrarezi Jr.**

**Alfenas, MG
Novembro de 2015.**

**Universidade Federal de Alfenas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Curso de Letras**

**AS OCORRÊNCIAS DA EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA “SER QUE” E SUAS
VARIANTES NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO E A POSSÍVEL
IMPESSOALIDADE DO VERBO “SER”**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a obtenção
do grau de Licenciatura Plena em Letras -
Português junto à Universidade Federal de
Alfenas.**

**Ana Cláudia Prado de Deus
Orientador: Celso Ferrarezi Jr.**

**Alfenas, MG
Novembro de 2015.**

Que (a Academia) admita nela as coisas desta terra informe, paradoxal, violenta, todas as forças ocultas de nosso caos. São elas que não permitem a língua estratificar-se e que nos afastam do falar português e dão à linguagem brasileira esse maravilhoso encanto da aluvião, do esplendor solar, que a tornam a única expressão verdadeiramente viva e feliz da nossa espiritualidade coletiva. (Graça Aranha, 1924)

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus por estar sempre presente em minha vida, permitindo-me a conquista de mais um sonho.

À Universidade Federal de Alfenas e ao Instituto de Ciências Humanas e Letras pela oportunidade de concluir esta Graduação.

Aos professores que, ao longo desses anos, tanto contribuíram para minha formação acadêmica e, sobretudo, pessoal.

Ao orientador, Ferrarezi Jr., pela paciência, amizade e pelos ensinamentos, os quais levarei para sempre.

Aos meus pais, Luciane e Luiz Antônio, pelo carinho, dedicação e amor incondicional. Agradeço por seus esforços em garantir os meus estudos. Sem o apoio de vocês, eu não chegaria até aqui.

Ao meu irmão, Luiz Paulo, pela cumplicidade e partilha de conhecimentos.

Ao meu querido Thallis, por tantos momentos de carinho, incentivo e compreensão.

Aos amigos, por estarem ao meu lado sempre.

E, por fim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram para que este trabalho fosse concluído com sucesso.

RESUMO

Numa língua natural, as expressões idiomáticas revelam-se construções atípicas, que apenas fazem sentido em contextos e em cenários muito específicos. Elas não decorrem diretamente do sistema gramatical, mas da construção cultural de uma comunidade de falantes, embora, em alguns casos, possam apresentar regularidades estruturais ou de uso. Assim, não é incomum que desrespeitem as estruturas gramaticais canônicas e sequer respeitem o semantismo costumeiro das palavras. No presente trabalho, apresentamos uma análise sobre a expressão idiomática “ser que” e suas variantes no português brasileiro, na tentativa de buscar uma explicação para a alteração na diátese costumeira do verbo “ser”, embasando-nos nos princípios da descrição linguística como elaborados por Perini (2006), Ferrarezi Jr. e Teles (2008) e Márcia Cançado (2012).

Palavras-Chave: 1. Expressões idiomáticas. 2, Verbo “ser” no português brasileiro. 3. Gramática do português brasileiro. 4. Diátese verbal. 5. Semântica de Contextos e Cenários.

Resumo em espanhol ou inglês/ palavras chaves na mesma língua

Sumário

Introdução	8
1. Organização gramatical de uma língua natural	10
1.1. Organização da frase em torno do núcleo verbal	14
1.2. Tipologia verbal: verbo “ser” típico	15
1.3. Expressão idiomática e a subversão da tipologia	17
2. A pesquisa: A expressão idiomática “ser que” e suas variantes no português brasileiro	20
2.1. O método	20
2.2. A Análise dos Dados	20
2.2.1. Grupo I – Ocorrências de “ser que/ ser ___ que”	21
2.2.2. Grupo II – Ocorrências de “não ser que”	24
Considerações finais	27
Referências	28

INTRODUÇÃO

Saussure, em seu “Curso de Linguística Geral”, de 1916, afirmou que a língua é um produto social, mas, contraditoriamente, afirmava que ela era um sistema herdado pelos indivíduos, de geração a geração, no convívio social, um tipo de “herança” fechada e sobre a qual o falante teria muito pouca influência. Esse “Saussure do Curso”, porém, não parecia ser o verdadeiro Saussure. Como sabemos, o Curso não foi escrito por Saussure, mas em seu nome por alguns de seus alunos. Isso fica evidente quando lemos os “Escritos de Linguística Geral”. Neste, um livro formado por manuscritos genuinamente saussureanos, encontramos que:

“[...] todos, sem exceção, imaginam a língua como uma forma fixa e todos, também sem exceção, como uma forma convencional. Eles se movimentam naturalmente no que chamo de seção horizontal da língua, mas sem a menor ideia do fenômeno sócio-histórico que provoca o turbilhão de signos na coluna vertical e impede que se faça dela um fenômeno fixo ou uma linguagem convencional, já que é o resultado incessante da ação social imposta além de qualquer escolha. (SAUSSURE, 2012, p. 92)

Nesse sentido, pode-se concluir que são justamente os seus falantes que constituem uma língua que, por consequência, reflete aspectos culturais da comunidade que a fala. Isso é corroborado, por exemplo, em Franchi (2011) e Ferrarezi Jr. (2010).

As expressões idiomáticas, tema escolhido para este trabalho, podem ser consideradas como “variações” da estrutura básica da língua, fruto desses aspectos culturais que perpassam a linguagem, as quais, também, em função de sua natureza sócio-histórica e cultural, atuam como marcas identitárias. Entende-se, aqui, por marcas identitárias “toda e qualquer diferenciação cultural que se configure como uma especificidade de uma comunidade em relação a outra, o que inclui as formas como essa comunidade usa seu idioma”. (FERRAREZI JR., 2013, p. 15).

Assim, ao abordar o tema das expressões idiomáticas, este trabalho tece uma relação estreita entre os aspectos sistêmicos do português brasileiro, especialmente os de natureza sintática, e os aspectos semântico-culturais que advêm das práticas sócio-discursivas,

de forma a permitir um “retrato em macro”¹ da formação lexical pela via dessas expressões e das relações entre essa formação e a identidade do povo brasileiro. O seu estudo se justifica, então, por ser revelador de aspectos idiossincráticos de determinada língua e, conseqüentemente, de aspectos identitários de seus falantes, revelando, portanto, traços característicos da construção sócio-histórico-cultural da variante abordada. No caso deste estudo, trata-se de uma expressão bastante usual em todo o Brasil, logo, de caráter bastante abrangente na descrição do linguajar brasileiro.

Com este estudo, objetivou-se analisar os aspectos semântico-discursivos da expressão idiomática “ser que” e suas variantes no português brasileiro, verificando se ela resulta em modificações sintáticas sistêmicas e descrevendo sua produtividade geral na língua. Para isso, organizou-se um banco de dados de usos da expressão, compilado a partir de publicações mais ou menos monitoradas disponíveis na Internet, a fim de analisar, sistematizar e interpretar os dados colhidos em função de informações cenariais, permitindo-nos tirar as conclusões de caráter sócio-histórico-cultural objetivadas.

Nas próximas seções, apresentamos o aparato teórico o qual favoreceu a realização de nossa pesquisa, abrangendo, principalmente, a forma de estruturação do português brasileiro enquanto língua natural. Mais adiante, expomos uma análise sobre o *corpus* obtido durante o trabalho, bem como a metodologia utilizada e considerações finais.

¹ Em técnica fotográfica, o retrato em macro é aquele que se faz de objetos muito pequenos, de maneira que eles saiam em tamanho maior que seu tamanho natural, ou seja, é a ampliação de um pequeno aspecto da realidade fotografada de forma a permitir a observação de seus detalhes.

1. ORGANIZAÇÃO GRAMATICAL DE UMA LÍNGUA NATURAL

Com aproximadamente 280 milhões de falantes, o português é a quinta língua mais falada no mundo, sendo o idioma oficial em nove países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Sabendo disso, é importante concebê-la não como um objeto estático e homogêneo, mas como um corpo vivo em constante mutação, pela qual nós, falantes, somos responsáveis. Segundo Ataliba T. de Castilho (2010, p. 31), é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro. Sobre isso, Ferrarezi Jr. e Iara Maria Teles afirmam que

“As línguas naturais são sistemas de representação do mundo e de seus eventos [...], como que instrumentos utilizados pelo ser humano para realizar algumas tarefas que exijam representar, a outros seres humanos, algum objeto do mundo ou do próprio discurso.” (2008, p. 24).

Ao mencionar língua, aqui, quero enfatizar principalmente sua flexibilidade e disponibilidade ao atendimento das necessidades e intenções comunicativas de seus falantes. De acordo com Franchi, Fiorin e Ilari (2011, p. 38), “[...] são as necessidades da comunicação, suas funções e condições [...] que determinam a estrutura linguística”.

Pensar na língua como um sistema é compreendê-la em sua estrutura e regras de funcionamento. Apesar de serem um sistema aberto e criativo, as línguas possuem normas que regem seu funcionamento, indicando, aos seus usuários, certos limites dentro da atividade enunciativa, para que não haja danos à inteligibilidade do discurso. Para Márcia Cançado, tais limites não são apreendidos pelos usuários de forma consciente, mas intuitivamente. Segundo ela, “os falantes nativos de uma língua têm algumas intuições sobre as propriedades de sentenças e de palavras e as maneiras como essas sentenças e palavras se relacionam” (2012, p. 23).

Além dessas regras de funcionamento, uma língua, na qualidade de sistema de representação de mundos, possui unidades mínimas de significação, as quais possibilitam sua estruturação no eixo sintagmático. No português brasileiro, a ideia de gênero, número, pessoa e tempo são exemplos dessas categorias de significados básicos gramaticalizados. Segundo Ferrarezi Jr. e Iara Maria Teles,

“As línguas naturais precisam recorrer a categorias semânticas para manifestar, em sua superfície, aquilo que é processado em forma de “pensamento” pelo falante. (Elas) [...] criam formas básicas que passam a significar ideias elementares, pensamentos mais ou menos complexos, mas que, numa cultura em especial, funcionam como uma unidade” (2008, p. 67).

Posteriormente, estas categorias de significados, devidamente gramaticalizadas, ou seja, utilizadas convencionalmente como marcadores de estrutura linguística, estando ou não, desprovidas de caráter representacional, são combinadas e estruturadas, formando dois ciclos sintáticos distintos. O primeiro ciclo sintático corresponde à formação das palavras, isto é: dentro do eixo sintagmático, são combinados os morfemas, unidades mínimas significativas - radical, desinências, afixos etc. No segundo ciclo sintático, as “unidades-produto” do primeiro ciclo, as palavras, combinam-se, formando os sintagmas que, por sua vez, permitem a construção de estruturas frasais. Ferrarezi Jr. (2012, p. 64) explica que “os sintagmas funcionam unidos em um “bloco”, como se fossem uma palavra única. Por isso dizemos que os sintagmas têm a mesma natureza funcional que as palavras”.

Assim sendo, pode-se considerar que a língua é bastante favorável aos processos de combinação entre palavras distintas. Entretanto, não podemos esquecer que, para que palavras de diferentes características se combinem, a língua usa um conjunto de recursos que regem seu funcionamento estrutural. Um destes recursos, no brasileiro, é o fato de a sintaxe da língua estar centrada em núcleos lexicais. De acordo com esse autor,

“[...] são as palavras que, baseadas em suas propriedades de classe (nomes, verbos, advérbios etc.), determinam as formas de organização das frases e, portanto, toda função sintática é obrigatoriamente adquirida em razão da ligação de uma parte (sintagma) ou oração a uma palavra” (2012, p. 72).

Podemos, portanto, entender que os núcleos lexicais são palavras capazes de abrir espaços (lacunas sintáticas) na estrutura da língua, a fim de que outras palavras se encaixem nesses espaços. Assim, dizer que determinada palavra pode funcionar como núcleo significa que esta palavra é base do sintagma e, por isso, “manda” nas outras palavras que preencherem os espaços abertos por ela, ditando, inclusive, quais características estas devem apresentar para ser “aceitas” dentro dessas lacunas e de que forma isso vai acontecer. Aqui, torna-se necessário explicar dois fenômenos que ocorrem na língua: as relações de *concordância* e de *regência* entre as palavras.

Conforme dito anteriormente, a língua possui regras de funcionamento bem definidas que estabelecem certos limites aos seus usuários. Tais limites são estabelecidos, por exemplo, pelas relações de regência e concordância entre as palavras que compõem o texto. O termo *regência* diz respeito ao fato de algumas palavras (palavras nucleares) serem capazes de “mandar” em outras (estabelecer relação de domínio em relação a outras palavras). Já a *concordância* é a “exigência de que uma palavra assuma determinada forma por causa de sua relação com outra palavra da mesma frase” (PERINI, 2006, p. 113).

A nossa língua possui quatro classes de palavras que podem funcionar como núcleos: os nomes, os nominais adjetivos, os verbos e os advérbios. Cada uma dessas classes possui marcas gramaticais que norteiam a relação de concordância entre elas e as outras palavras que preenchem as lacunas sintáticas. Observemos o exemplo a seguir:

(1) O menino guloso comeu o bolo.

Note-se que a palavra “menino” é capaz de “mandar” em quase toda estrutura. Então, esta palavra, dentro deste contexto, está funcionando como núcleo nominal, exigindo a concordância das palavras que se relacionam com ela. O núcleo lexical “menino” possui desinência de gênero masculino e aparece na 3ª pessoa do singular, fazendo com que os adjuntos “O” e “guloso” apresentem as mesmas marcas gramaticais na frase. Os verbos não possuem marca de gênero, mesmo assim “comeu” concorda com “menino” em pessoa (3ª pessoa) e número (singular). Segundo Ferrarezi Jr.,

“No português brasileiro, a concordância sempre toma como referência os nominais que funcionam como base. (*Eles*) [...] são a única classe de palavras que exige concordância gramatical na estrutura. E esses nominais fazem isso de duas formas: a) Concordância do nome (ou pronome base) com nominais que funcionem como adjetivos – será feita com as marcas de gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural). [...] b) Concordância do nome com o verbo – será feita com as marcas de número (singular ou plural) e pessoa (3ª pessoa, se for um nome, ou 1ª, 2ª ou 3ª pessoa, se for um pronome base)” (2012, p. 82-83).

Outro ponto importante a ser ressaltado é o fato de o núcleo lexical ser capaz, também, de estabelecer a função sintática das partes da estrutura que se ligam a ele. Se o núcleo do sintagma é um nome e ele estabelece relação de concordância com o núcleo verbal, este sintagma corresponde ao **sujeito** da oração. Enquanto isso, se o núcleo de um sintagma nominal está ligado ao núcleo verbal, mas não o obriga a concordar com ele, temos, neste

caso, um **complemento verbal**, e assim por diante. Desse modo, pode-se concluir que “toda e qualquer parte (sintagma) ou oração que apresente uma função sintática está ligada a uma palavra e tem sua função sintática definida por essa palavra” (Ferrarezi Jr., 2012, p. 72).

Além disso, do exemplo analisado, podemos distinguir três constituintes principais: *O menino guloso, comeu e o bolo*. *O menino guloso* e *o bolo* são semelhantes, pois ambos são sintagmas nominais. Entretanto, aparecem em determinada ordem: *O menino guloso* logo antes do verbo e *o bolo*, depois. Essa diferença na ordenação já nos ajuda a perceber uma diferenciação de função entre os sintagmas da estrutura.

Agora, voltemos nossa atenção ao núcleo verbal. Vimos, anteriormente, que o núcleo do sintagma nominal “manda” no verbo da oração, obrigando-o a concordar com ele. Entretanto, o núcleo verbal também explora uma posição privilegiada dentro desta hierarquia, pois é ele quem “manda” em seus complementos verbais e possíveis sintagmas adverbiais. De acordo com Ferrarezi Jr. e Teles,

“[...] o complemento verbal é essencial ao verbo, (*mas*) o complemento adverbial é accidental. Assim, embora tanto os complementos verbais quanto os adverbiais apareçam para completar o sentido dos verbos na oração, apenas o primeiro tipo são uma exigência dos verbos no contexto” (2008, p. 233).

No exemplo analisado, não há presença de sintagma adverbial, mas *o bolo* possui nítida função de complementação essencial ao verbo comer. Em uma análise mais tradicionalista, *comeu* seria um verbo “transitivo” e, *o bolo*, o “objeto direto”. Porém, usou-se, aqui, “complemento verbal” e “complemento adverbial” como terminologias ao referir-se às diáteses (isto é, o conjunto de lacunas) abertas pelo núcleo verbal. Quanto à tipologia verbal, considerou-se a existência de três delas: verbos *transitivos*, *intransitivos* e *de ligação*. Sobre isso, os autores atestam que

“[...] todos esses tipos de verbos, porém, excetuada a diferença de transitividade, têm o mesmo comportamento gramatical: todos eles concordam com o núcleo do sintagma nominal sujeito (exceto quando ocorrem em orações sem sujeito) e admitem complementos adverbiais. Assim, [...] a diferença mais marcante é o fato de que o complemento do verbo de ligação é concordante com o núcleo nominal ao qual se relaciona” (FERRAREZI JR.; TELES, 2008, p. 236)

Pois bem, agora que conseguimos discernir as funções sintáticas exercidas pelos sintagmas no exemplo analisado, podemos passar adiante, na tentativa de distinguir claramente quais as funções semânticas estabelecidas por esses sintagmas.

1.1. ORGANIZAÇÃO DA FRASE EM TORNO DO NÚCLEO VERBAL

Numa língua natural, as palavras e partes de uma frase apresentam sentidos variados que precisam combinar entre si. Um sintagma pode expressar uma ação com um agente, uma ação com quem sofre essa ação, uma ação com sua localização e assim por diante. Esse sentido que é expresso por um sintagma recebe o nome de *papel temático*. De acordo com Mário A. Perini (2006, p. 121), “[...] podemos definir o papel temático como a relação de significado que liga uma palavra que exprime ação, estado ou evento (muitas vezes um verbo, mas nem sempre) com as unidades que exprimem os participantes dessa ação, estado ou evento”.

Em *O menino guloso comeu o bolo*, temos, ao mesmo tempo, uma ação com um agente e com quem sofre essa ação, isto é, o paciente. *O menino guloso*, que é o sujeito da oração, corresponde ao agente, pois é quem pratica a ação de comer o bolo. Isso não quer dizer que sujeito e agente são a mesma coisa. Se invertermos a ordem da oração para “*O bolo foi comido pelo menino guloso*”, o agente continua sendo *o menino guloso*, mas este sintagma não funciona mais como sujeito. O mesmo acontece com *o bolo*, sintagma que, nos dois exemplos, indica sentido de paciente, mas, no primeiro, funciona sintaticamente como complemento essencial ao verbo e, no segundo, como sujeito. Podemos concluir, então, que “[...] as condições de sentido que as bases definem na estrutura garantem a coerência do sentido na frase, mas não definem as funções sintáticas” (FERRAREZI JR., 2010, p. 82).

Embora saibamos que o texto apresenta condições gramaticais, correspondendo à função sintática das partes da estrutura, e condições semânticas, as quais expressam o sentido básico do mesmo, essas condições não são equivalentes, embora devamos considerar que existe relação entre elas. Segundo Márcia Cançado,

“Para o português, assim como para outras línguas próximas (inglês, francês, italiano etc.), podemos estabelecer que os papéis temáticos são associados às posições sintáticas por dois pontos: primeiro, por algum tipo de correspondência sistemática entre os papéis e as posições sintáticas; segundo, pela alternância que o verbo pode sofrer na sua estrutura argumental” (2012, p. 113).

Para entender melhor essa *alternância* sofrida pelo verbo na sua estrutura argumental, consideremos os exemplos a seguir:

- (2) a. Maria limpou as roupas com sabão.
 b. O sabão limpou as roupas.
 c. As roupas foram limpas.

Note que, em (2a), *Maria* é, ao mesmo tempo, o agente e o sujeito da sentença, *as roupas* funciona como complemento essencial ao verbo e é o paciente que sofre a ação e *com sabão* corresponde ao instrumento utilizado pelo agente para realizar a ação, funcionando como um complemento acidental/circunstancial ao verbo; em (2b), o agente é omitido e o instrumento ocupa a posição de sujeito; em (2c), o agente e o instrumento são omitidos e o paciente ocupa a posição de sujeito. Portanto, é cabível afirmar que o verbo *limpar* permite a todos os seus papéis temáticos, pelo menos neste exemplo, ocuparem a posição de sujeito.

Após analisarmos os exemplos dados, tornou-se possível enxergar os fenômenos que Márcia Cançado (2012) chamou de *ergativização* (ou *incoativização*) e *passivização*.

“A ergativização é uma propriedade sintática, assim como a passivização, originada na alternância verbal de um item. Na ergativização, há uma reorganização da estrutura argumental canônica do verbo e o sujeito da sentença é omitido [como em (2c)], deixando vaga a primeira posição argumental e alçando, para essa posição, o complemento” (p.119).

Segundo a autora, “a alternância da estrutura dos verbos depende de cada verbo específico, ou [...] depende do tipo específico de classe de verbos” (CANÇADO, 2012, p. 114). Desse modo, é interessante lembrar que os usuários de uma língua não constroem sentenças indicando sentido de ação apenas, podendo, os eventos, exprimir sentimentos, experiências, processos mentais, processos relacionais e assim por diante.

Na próxima seção deste trabalho, apresentamos a forma de estruturação do verbo *ser*, um verbo tipicamente de ligação.

1.2. TIPOLOGIA VERBAL: VERBO “SER” TÍPICO

Como se sabe, o verbo *ser* é universalmente reconhecido como um *verbo de ligação*. Ele existe em todas as línguas e funciona praticamente da mesma forma em todas. É ele que a

Bíblia usa quando Deus diz “Eu sou o que sou”, em aramaico, por exemplo. Sua principal característica é a de ser um verbo pessoal. Verbos de ligação são, também, verbos transitivos, justamente pela necessidade de *ligação* que pode ser formalmente representada pela fórmula [X é Y]. Segundo Ferrarezi e Teles, verbos de ligação

“[...] são os verbos que intermediam a relação entre um núcleo nominal e um predicativo que, embora seja um complemento verbal, funciona em relação de concordância com seu respectivo núcleo nominal. Trata-se, portanto, de verbos que permitem que as restrições de concordância do sujeito o “atravessem” e alcancem o complemento verbal que, nesse caso, será chamado predicativo do sujeito” (2008, p. 235).

Vejamos alguns exemplos:

- a) Minha mais nova amiga é muito brincalhona.
- b) João, o filho do Seu José, era gago.
- c) Mariana foi estudiosa durante todo o período letivo.

Pode-se ver que os sintagmas nominais *Minha mais nova amiga*, *João* e *Mariana* estão funcionando como sujeitos das orações, pois estão obrigando o verbo *ser* a concordar com eles em número e pessoa. Já os sintagmas nominais *brincalhona*, *gago* e *estudiosa* não só completam sentido ao verbo, explicitando seu caráter de transitividade, mas também possuem nítida relação de concordância com os sintagmas nominais sujeitos.

O verbo de ligação, então, se diferencia dos demais verbos transitivos porque ele torna possível que as restrições gramaticais estabelecidas pelo núcleo do sintagma nominal sujeito atinjam o seu complemento. Isso pode ser comprovado ao compararmos uma oração que possui um verbo de ligação com uma outra a qual não possui. Vejamos:

- d) O Joãozinho contou umas piadas.
- e) Aquela garota é malcriada.

No exemplo (d), o núcleo do sujeito, *Joãozinho*, é uma palavra masculina e aparece no singular e o núcleo do complemento verbal, *piadas*, é uma palavra feminina e aparece no plural. Esta discordância entre os sintagmas só foi possível, porque se trata de um verbo transitivo comum que estabelece uma relação de domínio com seu complemento sem qualquer interferência de um possível sujeito presente na sentença. Já em (e), se substituirmos o núcleo

do sujeito *garota* por *rapaz*, por exemplo, o complemento verbal será obrigado a concordar com ele:

f) Aquele rapaz é malcriado.

As mudanças sofridas pela estrutura, mais especificamente dentro do sintagma verbal, ocorrem pela presença do verbo de ligação. Desse modo, *malcriado* não pode mais ser analisado como um simples complemento verbal, mas assume um *status* especial, qual seja, o de **predicativo do sujeito** ou **complemento verbal predicativo**. De acordo com Perini (2006), o predicativo do sujeito pode ser representado por um sintagma nominal e também por um sintagma adjetivo. Observe os exemplos:

g) Catharina Choi Nunes é a Miss Mundo Brasil 2015.

SN

h) Maria, a mãe do Pedrinho, é muito brava.

Adjetivo

Note-se que, mesmo sendo constituído por um SN, o complemento verbal predicativo ocupa uma *lacuna sintática concordante*. Uma simples substituição comprova isso, como em g1:

g1) Catharina Choi Nunes é muito bonita.

Agora que conhecemos como se estrutura uma oração cujo verbo é de ligação, devemos passar adiante, na tentativa de analisar o que acontece com esse tipo de verbo quando ocorre em expressões idiomáticas da língua.

1.3. EXPRESSÃO IDIOMÁTICA E A SUBVERSÃO DA TIPOLOGIA

Numa língua, as expressões idiomáticas revelam-se em construções atípicas, que apenas fazem sentido em cenários muito específicos. Elas não decorrem diretamente do sistema gramatical, mas da construção cultural de uma comunidade de falantes. Por isso, desrespeitam as estruturas gramaticais tradicionais das línguas e sequer respeitam o semantismo costumeiro das palavras. Em suma,

“[...] são o resultado de um conjunto de processos bastante produtivos em qualquer comunidade de falantes, que acaba por estabelecer traços morfossintáticos muito próprios que passam a atuar como elementos diferenciadores daquela comunidade. (FERRAREZI JR., 2013, p. 15)

No português brasileiro, existem diversas expressões, como “cutucar a onça com vara curta” (sentido de provocação), “deixar na mão” (sentido de abandonar), “entrar pelo cano” (sentido de se dar mal) etc. Como objeto de estudo, optei por uma expressão bastante utilizada na língua e que não possuía estudo específico: a expressão idiomática “ser que” e suas variantes. Segundo Ferrarezi Jr.,

“[...] essas marcas identitárias servem, como o nome procura expressar, à construção de uma identidade cultural da comunidade, embora não sejam, ao que parece e na maioria das vezes, propositadamente construídas para esse fim, mas acabam sendo propositadamente usadas para esse fim (sempre que passam a ser identificadas, nesse processo de relação intercultural, como diferenciadores importantes) a cada vez que se torna necessário, privilegiado ou prestigioso “identificar-se” como diferente” (2013, p. 16).

Na Bíblia, o episódio de São Pedro é exemplo de demarcação de identidade por meio da língua. Estando no pátio do Sumo Sacerdote, este nega ser um dos discípulos de Jesus, mas as pessoas continuaram a insistir: "Você também é. A tua fala te denuncia.": *Língua tua manifestum te facit*" (Mateus: 26:73).

Vale destacar que cada comunidade de falantes concebe a estrutura de sua língua a partir da necessidade de representação de mundo segundo sua própria visão cultural, conforme os ideais de Benjamin Lee Whorf surgidos por volta da década de 1950. Ou seja, “[...] toda língua historicamente dada, a qualquer momento de sua história, está à procura de meios para expressar experiências que assumiram uma importância nova para o grupo social que a fala” (ILARI, 2013, p. 45).

Diante disso, pode-se concluir que as expressões idiomáticas surgem, justamente, para suprir as necessidades de comunicação dos falantes de uma língua. Segundo Franchi, Fiorin e Ilari,

“[...] a linguagem é capaz de “falar” como não se fala em situações práticas, para elaborar essas construções “autônomas”, emancipadas das restrições do comércio intersubjetivo da comunicação e, até – em certo sentido –, do sujeito que as enuncia.

Ela é capaz de “pensar-em-si-mesmo” que não se reduz às condições da comunicação normal; pode-se estabelecer por ela não apenas um quadro original refletido de coordenadas, que se retoma a cada questão, mas o próprio contexto em que ela se torna significativa” (2011, p. 57).

Estudar os usos da expressão idiomática “ser que” e suas variantes é bastante interessante por ela estar estruturada com base em um verbo de ligação típico. Conforme vimos na seção anterior deste trabalho, o verbo *ser* é universalmente reconhecido como um verbo de ligação. Conforme o nome sugere, esses verbos de forma específica e marcante “ligam” o sujeito da oração ao complemento verbal predicativo, fazendo com que estes sintagmas estabeleçam relação de concordância, algo incomum às demais tipologias verbais.

Entretanto, como vimos, as expressões idiomáticas, geralmente, desrespeitam as estruturas tradicionais das línguas. No caso da expressão “ser que” (e suas variantes) do português brasileiro, por exemplo, que aparece em frases como “E não foi que o cara apareceu do nada.” e “Daí foi que eu vim parar aqui.”, em que parece evidente a variação na diátese do verbo.

Assim, com este estudo, tentaremos buscar uma explicação para tal variação na diátese costumeira do verbo “ser”, nos diversos usos dessa expressão, pelas vias da semântica cultural (cf. Ferrarezi Jr. 2010), baseados na visão da constitutividade linguística de Franchi (2011) e formulando hipóteses sintáticas com base nos fundamentos da visão funcionalista da linguagem (cf. Ilari, 1986).

2. A PESQUISA: A EXPRESSÃO IDIOMÁTICA “SER QUE” E SUAS VARIANTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1. O MÉTODO

A metodologia utilizada neste trabalho segue os pressupostos da pesquisa linguística de natureza qualitativa, cimentada na tradição epistemológica interpretativista. Por tratar-se de um estudo voltado às ocorrências de uma expressão idiomática, a escolha desse tipo de abordagem pareceu-nos bastante propícia, uma vez que “[...] a pesquisa qualitativa procura entender; interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 34).

Nosso banco de dados foi constituído a partir de pesquisa manual de publicações disponíveis na Internet. A seleção desses dados foi feita com base nas ocorrências da expressão idiomática “ser que” e suas variantes, as quais geralmente apareciam mescladas por marcadores discursivos, como o “ái” e o “então” ou precedidas de advérbios de negação. Ao analisá-los, obtivemos suporte teórico nos princípios da descrição linguística como elaborados por Perini (2006), Ferrarezi Jr. e Teles (2008) e Márcia Cançado (2012), na busca de uma explicação para a variação na diátese costumeira do verbo “ser”.

Durante a pesquisa, encontramos certas limitações com relação à coleta de dados. As expressões idiomáticas, como vimos, decorrem da construção cultural de uma comunidade de falantes e são tipicamente coloquiais. Sendo assim, pode-se considerar que o seu surgimento se dá, primeiro, na língua falada e, posteriormente, atinge a língua escrita, ordem bastante comum ao processo de evolução de uma língua natural.

A expressão idiomática “ser que”, assim, é uma das expressões que estão iniciando sua ocorrência na escrita dos brasileiros, e não é, ainda, tão corriqueira, dificultando a constituição de um banco de dados muito extenso a partir de dados escritos. Além disso, não há estudos anteriores sobre essa ocorrência. Entretanto, conseguimos encontrar ocorrências suficientes para a apresentação e análise do fenômeno.

2.2. A ANÁLISE DOS DADOS

Ao analisarmos o corpus deste estudo, foi-nos possível notar que a expressão idiomática “ser que” apresenta, em todas as ocorrências encontradas, o sentido de um evento surpreendente, inesperado, imprevisível. Ela é responsável por dar continuidade ao ato

enunciativo descritivo, sendo, portanto, um excelente recurso linguístico cotidiano aos seus usuários.

A presença dos marcadores discursivos “aí” e “então” reforçam a ideia de continuidade no discurso, mas também podem ser considerados, de certa forma, como “resquícios” do português brasileiro falado, marcas de coloquialidade associadas à expressão. Conforme relatamos na seção anterior, o banco de dados foi coletado a partir de publicações disponíveis na Internet, demonstrando que a expressão idiomática a qual analisamos já está tão arraigada no linguajar dos brasileiros que já é possível encontrá-la em textos escritos.

A fim de melhor apresentarmos os resultados de nossa pesquisa, optamos por dividir os dados obtidos em dois grupos distintos: as ocorrências de “ser que/ ser ___ que” e as ocorrências de “não ser que”.

2.2.1. Grupo I – Ocorrências de “ser que/ ser ___ que”

Observemos alguns dos dados obtidos:

- (1) “O câncer tinha voltado duas vezes. *Foi aí que* David resolveu experimentar um tratamento com maconha.”²
- (2) “Eu fiquei muito impressionado com o que ele fazia, e acho que *foi aí que* a música me pegou.”³
- (3) “Fiquei triste, mas confiante de que no final das contas estou trocando um amor por outro. *Foi aí que* eu decidi vender minha câmera, *foi aí que* eu decidi virar um triatleta.”⁴
- (4) “Ficava arrasada quando diziam que o Arturito era um lugar solene, porque não sou solene, e *aí foi que* me dei conta de que estava tão ocupada na cozinha que [...]”⁵

Nos quatro exemplos apresentados, é possível perceber uma ruptura no funcionamento e estruturação da diátese costumeira do verbo *ser*. Por tratar-se, costumeiramente, de um verbo de ligação, ao fazermos a leitura das ocorrências, esperamos que a configuração do texto seja, grosso modo, como uma equação [X *ser* Y], onde “X” corresponde ao sujeito e “Y” ao complemento verbal predicativo. Entretanto, ao analisarmos cada item, vimos que não

² Disponível em: <<http://www.videosvirais.com.br/o-cancer-tinha-voltado-duas-vezes-foi-ai-que-david-resolveu-experimentar-um-tratamento-com-maconha/>>. Acesso em: 17 set. 2015.

³ Disponível em: <https://thump.vice.com/pt_br/article/primeiro-clube-matador>. Acesso em: 10 out. 2015.

⁴ Disponível em: <<http://vidadetriatleta.com.br/foi-ai-que-eu-decidi-vender-minha-camera/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

⁵ Disponível em: <<http://prazeresdamesa.uol.com.br/criancas-sao-bem-vindas/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

foi possível constatar a existência simultânea desses sintagmas: a hipótese é de que o sujeito está sempre ausente, embora haja uma complementação aparente da expressão, que adquire a forma básica [\emptyset ser y].

Conforme exposto na primeira parte deste trabalho, os verbos de ligação permitem que o sintagma nominal sujeito estabeleça relação de concordância com o complemento verbal predicativo, o qual é representado por um sintagma de natureza nominal, mais comumente, por um adjetivo. Contudo, não conseguimos encontrar nenhuma palavra adjetiva ligada ao verbo da expressão, o que poderia fazer crer que o verbo *ser*, nesses casos, foi usado de forma pessoal, mas intransitiva; com sujeito, mas sem complemento verbal predicativo [Isso *foi que*].

Porém, note-se que a expressão idiomática comumente aparece logo no início das orações, o que já indica uma alteração na ordem canônica do português brasileiro. Ademais, o sintagma nominal mais próximo de “*ser que*” funciona como sujeito, mas de outra oração dentro do período. Na ocorrência (1), por exemplo, *David* é o sintagma nominal mais próximo, porém é sujeito da oração seguinte (*David resolveu experimentar um tratamento com maconha.*). Isso acontece nos três exemplos subsequentes.

Assim, o que se constata é que, na verdade, nesta expressão idiomática, o verbo *ser* funciona de forma impessoal, sem sujeito e apenas como expressão transitiva [*Foi que* isso].

2.2.1.2. Ocorrências da expressão em letras de música

- (5) “Por falar em nada que é meu / Encontrei o anel que você esqueceu / *Aí foi que* o barraco desabou [...]”⁶
- (6) “Minha mulher percebeu / Aham, Aham, Aham / *Foi aí que* o pau comeu”⁷
- (7) “Não acreditei, quase desmaiei, eu me senti ninguém / *Foi aí que* a ficha caiu”⁸

No decorrer da pesquisa, encontramos ocorrências da expressão idiomática “*ser que*” também na música brasileira, estruturada de forma bastante particular e interessante. Isso tem uma razão cultural de ser, qual seja: músicas populares, embora carreguem um quê de poesia

⁶ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jorge-arago/eu-e-voce- sempre.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

⁷ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/teodoro-e-sampaio/aconteceu-comigo.html>>. Acesso em: 22 set. 2015.

⁸ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/avioes-do-forro/ta-fazendo-falta.html>>. Acesso em: 22 set. 2015.

em suas letras, tendem a ser muito mais próximas da coloquialidade do que outras construções escritas.

Nos três exemplos, observa-se a presença do marcador discursivo “aí”, reforçando a ideia de continuidade ao discurso, além de evidenciar os traços de oralidade na música. Mas o que realmente merece nossa atenção, agora, é o fato de o verbo da expressão idiomática “ser que” possuir, como complemento, outra expressão idiomática.

As expressões idiomáticas “o barraco desabou” e “o pau comeu”, presentes nas ocorrências (5) e (6), possuem significados semelhantes nos contextos em que foram utilizadas, podendo ser entendidas por “o controle foi perdido sobre a situação”, “X se deu mal”, “algo indesejado aconteceu”. Assim, ambas funcionam como complementos essenciais ao verbo *ser*, pois, sabendo que a estrutura “ser que” confere sentido de “algo inesperado aconteceu” à sentença, estas expressões idiomáticas indicam “o que aconteceu”, arrematando o sentido desejado pelos usuários.

O mesmo acontece no item (7). Nele, a expressão idiomática “a ficha caiu” completa o verbo *ser*, conferindo-lhe sentido de “só agora foi possível compreender”.

2.2.1.3. Ocorrências da expressão intermediada pelo marcador discursivo “então”:

Vejamos alguns exemplos:

- (8) “As poucas opções de atividades físicas em locais fechados se restringiam a entediadas aulas de ginástica, que pouco estimulavam aos alunos. *Foi então que* Luther Halsey Gullick [...] convocou o professor canadense James Naismith [...] e confiou-lhe uma missão [...]”⁹
- (9) “Uns tempos atrás, posteí uma foto [...] mostrando umas unhas postiças autocolantes que estava experimentando. Rolaram alguns comentários que diziam mais ou menos a mesma coisa: “nossa, mas é tão artificial!”. *E foi então que* parei para pensar nessa questão.”¹⁰
- (10) “Me disseram que você / estava chorando / *E foi então que* percebi / Como lhe quero tanto.”¹¹

⁹ Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial>>. Acesso em: 15 out. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.coisasdedeva.com.br/2015/10/e-fake-mas-e-dai/>>. Acesso em: 25 set. 2015.

¹¹ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/quase-sem-querer.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

- (11) “Não sou mais a mesma/Infelizmente endureci/Só levei porradas/*Foi então que* aprendi/Ser indiferente e agir com a razão.”¹²

As ocorrências da expressão idiomática “*ser__que*”, nos quatro exemplos, parecem funcionar dentro da estrutura [*Foi que* isso], a qual, como vimos, apresenta o verbo na forma impessoal, sem sujeito, e funciona apenas como expressão verbal transitiva.

Os itens (10) e (11) mostram ocorrências da expressão idiomática estudada na música brasileira, mas, desta vez, intermediada pelo marcador discursivo “então”. Note-se que, diferentemente das ocorrências intermediadas pelo marcador discursivo “aí”, as quais ocorreram construídas com outras expressões idiomáticas funcionando como seus complementos, o que lhes confere um grau maior ainda de coloquialidade (embora essa complementação com expressões idiomáticas não pareça ser obrigatória), quando intermediadas pelo “então”, a expressão idiomática “*ser__que*”, pelo menos nos exemplos que conseguimos colher, aparece com complementos mais “comuns”, por assim dizer. Podemos estar diante de uma diferenciação pragmática relativa a níveis de coloquialidade? Ou de temática? Talvez. Mas, para isso, precisaríamos de um programa de buscas léxico-estatísticas que permitisse uma pesquisa significativamente maior do que a que conseguimos fazer manualmente na Internet, programa este que não possuímos e que não está disponível institucionalmente na UNIFAL-MG. Assim, apenas deixamos essa hipótese aventada para posterior averiguação. De toda sorte, não seria incomum se uma expressão com esse nível de produtividade já começasse a apresentar distribuição pragmática de ocorrências.

2.2.2. Grupo II – Ocorrências de “não ser que”

Essa variante, entre todas as que encontramos, é a que parece exprimir um maior grau de sentido de “algo inesperado” entre as demais. Vejamos os exemplos:

- (1) “*E não é que* o médico cubano reclamou da nossa infraestrutura hospitalar?”¹³
- (2) “*E não é que* a nova “invenção” do Dunga deu certo?”¹⁴
- (3) “*E não é que* eles até sabem se organizar?!”¹⁵

¹² Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/roberta-miranda/marcas.html>>. Acesso em: 25 set. 2015.

¹³ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/saude/e-nao-e-que-o-medico-cubano-ainda-reclamou-da-nossa-infraestrutura-hospitalar/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

¹⁴ Disponível em: <<http://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br/2014/11/18/e-nao-e-que-a-nova-invencao-do-dunga-deu-certo/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

Encontramos, no decorrer da pesquisa, ocorrências da expressão idiomática “ser que” precedida por um advérbio de negação, o qual parece ser capaz de acrescentar-lhe sentido, deixando-a mais incisiva que as demais ocorrências anteriormente analisadas.

Como vimos, a expressão idiomática “ser que” apresenta o sentido de um evento imprevisível. Porém, quando possui o advérbio “não” ligado a ela, a estrutura coloca à mostra uma nuance de sentido de algo “impressionável”, mais forte, portanto, que o primeiro. Tal diferenciação pode ser observada se compararmos uma ocorrência da expressão idiomática “ser ___ que” com outra, de estrutura “*não ser que*”. Vejamos:

- a) “Eu fiquei muito impressionado com o que ele fazia, e acho que *foi aí que* a música me pegou.”
- b) “*E não é que* o médico cubano reclamou da nossa infraestrutura hospitalar?”

Note-se que, nos dois casos, os enunciadores foram surpreendidos por algo que aconteceu. Mas, enquanto em (a), o enunciador parece não tido uma ideia preestabelecida sobre o assunto, em (b), o acontecimento parece ser contrário ao que o enunciador havia preestabelecido como fato esperado ou desejável.

Ao dizer “[...] *foi aí que a música me pegou*”, temos a impressão de que o enunciador nunca havia parado para pensar se seria bom ou ruim que a música entrasse em sua vida. Entretanto, ao indagar “*E não é que o médico cubano reclamou da nossa infraestrutura hospitalar?*”, o enunciador parece estar indignado, impressionado com o evento ocorrido, pois, talvez, pensasse ser impossível que um médico cubano reclamasse da infraestrutura dos hospitais brasileiros. Ou seja, o enunciador possuía uma opinião sobre o evento antes mesmo dele ocorrer.

Além disso, observamos que, nas três ocorrências de “*não ser que*” encontradas, as sentenças são interrogativas, o que interfere na entonação e, conseqüentemente, contribui na especialização de sentido do texto como um todo.

Quando pronunciamos essas sentenças com o advérbio de negação antecedendo a expressão “ser que”, notamos que há uma tendência de atribuição de proeminência entonacional de foco primário sobre a expressão. Nos exemplos abaixo, marcaremos proeminência entonacional de foco primário sublinhando o segmento de sentença em que

¹⁵ Disponível em: <<http://www.dn.pt/desporto/futebol-internacional/interior/e-nao-e-que-eles-ate-sabem-organizar-3994587.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

ocorrem na pronúncia coloquial padrão de nossa região. Em cada uma dessas sentenças, colhidas em ambiente espontâneo de fala e pronunciadas coloquialmente, embora analisadas apenas com base em escuta livre, o segmento sublinhado corresponde ao tema “surpreendente” do enunciado. Vale ressaltar que a proeminência entonacional de foco primário pode diferir do foco entonacional temático da sentença, especialmente quando se trata de interrogativa:

- a. O Mário deu um carro de aniversário para a mulher?
- b. A X (antropônimo) ficou de novo com o Y (antropônimo) em Sintaxe?
- c. Não acredito que trouxeram a X (antropônimo) para a festa da Y (antropônimo)!

Compare-se com as ocorrências anteriormente analisadas:

- (4) “E não é que o médico cubano reclamou da nossa infraestrutura hospitalar?”¹⁶
- (5) “E não é que a nova “invenção” do Dunga deu certo?”¹⁷
- “E não é que eles até sabem se organizar?!”¹⁸

Assim, pode-se considerar que a presença do advérbio de negação somada à entonação da frase interrogativa com proeminência entonacional de foco primário sobre a expressão idiomática, cria uma representação costumeiramente atribuída a eventos inesperados, considerados espantosos, de forma mais incisiva e forte do que ocorre nas demais ocorrências encontradas.

¹⁶ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/saude/e-nao-e-que-o-medico-cubano-ainda-reclamou-da-nossa-infraestrutura-hospitalar/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

¹⁷ Disponível em: <<http://blogdoneto.blogosfera.uol.com.br/2014/11/18/e-nao-e-que-a-nova-invencao-do-dunga-deu-certo/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.dn.pt/desporto/futebol-internacional/interior/e-nao-e-que-eles-ate-sabem-organizar-3994587.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como pressuposto pacífico que as expressões idiomáticas, geralmente, desrespeitam a estrutura gramatical canônica das línguas, nosso objetivo foi realizar uma análise dos dados obtidos, buscando verificar se a expressão idiomática “ser que” (e suas variantes), no português brasileiro, resultaria de modificações sintáticas sistêmicas e descrevendo sua produtividade geral na língua.

Durante a pesquisa, notamos que o verbo “ser”, quando utilizado nesta expressão idiomática, sofre alterações de estrutura em sua diátese. Por tratar-se, costumeiramente, de um verbo de ligação, ao fazermos a leitura das ocorrências, esperamos que a configuração do texto seja, grosso modo, como uma equação [X *ser* Y], em que “X” corresponde ao sujeito e “Y” ao complemento verbal predicativo. Entretanto, ao analisarmos o *corpus* obtido, vimos que não foi possível constatar a existência simultânea desses sintagmas: a hipótese é de que o sujeito está sempre ausente, embora haja uma complementação aparente da expressão, que adquire, assim, a forma básica [\emptyset *ser* y]. Em suma, o verbo funciona de forma impessoal, sem sujeito e apenas como expressão transitiva [*Foi que* isso].

Constatamos, também, que a expressão idiomática estudada apresenta, pelo menos nos dados que conseguimos coletar, o sentido de um evento surpreendente, inesperado, imprevisível. Ela é responsável por dar continuidade ao ato enunciativo descritivo, sendo, portanto, um excelente recurso linguístico coloquial aos seus usuários.

Assim, ao apresentar algumas ocorrências da expressão “ser que”, bastante usual em diversas regiões do país, relata-se parte da identidade do povo brasileiro, suas visões de mundo e sua forma de representação de mundo a partir da língua. Estudos desta natureza comprovam o caráter flexível da língua em se adequar às necessidades comunicativas de seus falantes, além de que, por abordarem os traços culturais que caracterizam o povo brasileiro, de certa forma, ajudam a preservar a diversidade cultural do país.

REFERÊNCIAS

Obras consultadas e/ou citadas:

- BORBA, F. S. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Campinas: Pontes, 1991.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BURKE, Peter & PORTER, Roy (Orgs.). *História Social da Linguagem*. São Paulo: UNESP/ Cambridge, 1997.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- FERRAREZI Jr., C. & TELES, I. M. *Gramática do Brasileiro*. São Paulo: Globo, 2008.
- FERRAREZI Jr., C. (2010) *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras.
- FERRAREZI Jr., C. *Sintaxe para a Educação Básica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERRAREZI Jr., C. “Quando só se para andando: minúsculo estudo de expressões idiomáticas de Guajará-Mirim, RO”. In.: *Práticas Discursivas Amazônicas*, 2013/01, pp. 13-31. Cacoal: IFRO, 2013.
- FRANCHI, C., FIORIN, J. L. e ILARI, R. *Linguagem atividade constitutiva: teoria e poesia*. São Paulo: Parábola, 2011.
- ILARI, Rodolfo. “Reflexões sobre Língua e Identidade”. In: *Diálogos entre língua, cultura e sociedade*. Lilian do Rocio Borba, Cândida Mara Britto Leite (org.), pp. 17-50. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- ILARI, R. & BASSO, R. *O Português da Gente*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ILARI, R. *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1987.
- PERINI, M. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PERINI, Mário. *Princípios de Linguística Descrivida*. São Paulo: Parábola, 2006.
- RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1987.
- SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

Dados apresentados:

- www.videosvirais.com.br/o-cancer-tinha-voltado-duas-vezes-foi-ai-que-david-resolveu-experimentar-um-tratamento-com-maconha/. Acesso em: 17 set. 2015.
- www.thump.vice.com/pt_br/article/primeiro-clube-matador. Acesso em: 10 out. 2015.
- www.vidadetriatleta.com.br/foi-ai-que-eu-decidi-vender-minha-camera/. Acesso em: 10 out. 2015.
- www.prazeresdamesa.uol.com.br/criancas-sao-bem-vindas/. Acesso em: 09 out. 2015.
- www.vagalume.com.br/jorge-aragao/eu-e-voce-sempre.html. Acesso em: 15 out. 2015.
- www.vagalume.com.br/teodoro-e-sampaio/aconteceu-comigo.html. Acesso em: 22 set. 2015.
- www.vagalume.com.br/avioes-do-forro/ta-fazendo-falta.html. Acesso em: 22 set. 2015.
- www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial. Acesso em: 15 out. 2015.
- www.coisasdediva.com.br/2015/10/e-fake-mas-e-dai/. Acesso em: 25 set. 2015.
- www.vagalume.com.br/legiao-urbana/quase-sem-querer.html. Acesso em: 10 out. 2015.
- www.vagalume.com.br/roberta-miranda/marcas.html. Acesso em: 25 set. 2015.
- www.veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/saude/e-nao-e-que-o-medico-cubano-ainda-reclamou-da-nossa-infraestrutura-hospitalar/. Acesso em: 10 out. 2015.
- www.blogdoneto.blogosfera.uol.com.br/2014/11/18/e-nao-e-que-a-nova-invencao-do-dunga-deu-certo/. Acesso em: 10 out. 2015.
- www.dn.pt/desporto/futebol-internacional/interior/e-nao-e-que-eles-ate-sabem-organizar-3994587.html. Acesso em: 10 out. 2015.